

## O PRECONCEITO LINGUÍSTICO E A IMPOSIÇÃO DO SILÊNCIO EM MÍDIAS DIGITAIS

Brenda Mourão Pricinoti <sup>1</sup>  
 João Vítor Sampaio de Moura <sup>2</sup>  
 Stefanne Almeida Teixeira <sup>3</sup>

1

**Resumo:** Este artigo almeja refletir como o preconceito linguístico afeta a vida de alguns indivíduos. Assim sendo, abordaremos questões relacionadas à linguística e à linguagem, sendo a língua um importante instrumento humano que permite a comunicação e expressão de ideias. Além disso, investigaremos questões concernentes à variação linguística e ao preconceito linguístico. Para isso, serão levadas em consideração análises crítico-reflexivas de “memes” publicados nas redes sociais (*Instagram, Facebook, Whatsapp, Pinterest e Twitter*) para analisar como o preconceito linguístico se faz presente nas páginas de redes sociais utilizadas pelos brasileiros. Dessa forma, por meio de reflexões de como o preconceito linguístico afeta a vida de alguns sujeitos que, ao escreverem sem estar de acordo com as regras da gramática normativa, são ridicularizadas nas redes sociais buscamos compreender como essa prática pode ser nociva para a sociedade. À luz das teorias de Lev Semionovitch Vigotski (1993), Pierre Bourdieu (2008), Marcos Bagno (1999) e William Labov (2008), entendemos que o preconceito linguístico é uma ação de intolerância por parte de pessoas que possuem *status* social privilegiado contra pessoas de classes sociais menos abastadas financeiramente, que usam a língua diariamente, mas não da forma prestigiada socialmente. Nesse sentido, essa prática tem consequências negativas na vida dos indivíduos socialmente estigmatizados como inferiores por não se comunicarem por meio do padrão linguístico imposto como o melhor.

**Palavras-chave:** Preconceito Social. Redes Sociais. Norma Padrão.

## LINGUISTIC PREJUDICE AND THE IMPOSING OF SILENCE ON DIGITAL MEDIA

**Abstract:** This article aims to reflect how linguistic prejudice affects the lives of some individuals. Therefore, we will address issues related to linguistics and language, with language being an important human instrument that allows the communication and expression of ideas. In addition, we will investigate issues concerning linguistic variation and linguistic prejudice. For this, critical-reflective analyzes of some “meme” published on social networks (*Instagram, Facebook, Whatsapp, Pinterest and Twitter*) will be taken into account to analyze how linguistic prejudice is present in social media pages used by Brazilians. Thus, through reflections on how linguistic prejudice affects the lives of some subjects who, when writing without being in accordance with the rules of normative grammar, are ridicularized on social networks, we seek to understand how this practice can be harmful to society. In light of the theories of Lev Semionovitch Vigotski (1993), Pierre Bourdieu (2008), Marcos Bagno (1999) and William Labov (2008), we understand that linguistic prejudice is an action of intolerance on the part of people who have privileged social status against people from less wealthy social classes, who use the language on a daily basis, but not in a socially

<sup>1</sup> Brenda Mourão Pricinoti é mestrandia em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia. Graduada em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia. Graduada em Pedagogia pela Universidade de Uberaba. Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1727697477231852>. Orcid: 0000-0003-3178-6512. E-mail: [brendapricinoti@yahoo.com.br](mailto:brendapricinoti@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> João Vítor Sampaio de Moura é mestrando em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia. Graduado em Letras Português-Inglês pela Universidade Estadual de Goiás. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4179011639506808>. Orcid: 0000-0002-2792-6423. E-mail: [contatomourajvs@gmail.com](mailto:contatomourajvs@gmail.com)

<sup>3</sup> Stefanne de Almeida Teixeira é mestrandia em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia. Graduada em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4389832049522456>. Orcid: 0000-0002-5581-3872. E-mail: [stefanne.almeida@gmail.com](mailto:stefanne.almeida@gmail.com)

prestigious way. In this sense, this practice has negative consequences in the lives of individuals who are socially stigmatized as inferior for not communicating through the linguistic standard imposed as the best. Marcos Bagno (1999) and William Labov (2008); we understand that linguistic prejudice is an action of intolerance on the part of people who have privileged social status against people from less wealthy social classes, who use the language daily, but in a different way. In this sense, this practice has negative consequences in the lives of individuals who are socially stigmatized as inferior for not communicating through the linguistic standard imposed as the best. Marcos Bagno (1999) and William Labov (2008), we understand that linguistic prejudice is an action of intolerance on the part of people who have privileged social status against people from less wealthy social classes, who use the language daily, but not in the same way. socially prestigious. In this sense, this practice has negative consequences in the lives of individuals who are socially stigmatized as inferior for not communicating through the linguistic standard imposed as the best.

**KEYWORDS:** Social prejudice. Social networks. Standard Standard.

## INTRODUÇÃO

A língua é um instrumento de suma importância, visto que um dos atributos que diferencia o ser humano de outros animais é justamente a capacidade de se comunicar e a complexidade da linguagem humana. Assim sendo, desde a antiguidade, mais especificamente desde a Grécia Antiga, o homem tenta categorizar e definir a língua. A partir de então foi criada a chamada “Gramática Normativa”, a qual estabelece as regras linguísticas a serem seguidas.

A gramática, para Travaglia (2001), é considerada “um manual com regras de bom uso da língua” (TRAVAGLIA, 2001, p. 24), ou seja, uma prescrição que, se for seguida, desenvolverá uma fala e uma escrita “correta”. Dessa forma, o autor defende que, nestas concepções de linguagem, as variedades linguísticas que não são as prescritas pelas gramáticas tradicionais são avaliadas como desvios linguísticos.

A língua, entretanto, é uma prática social. Os seres humanos, independentemente de estudarem uma gramática, irão aprender a língua falada em seu país. Uma prova disso é que os bebês (que ainda não sabem ler ou escrever), já verbalizam e tentam se comunicar através de uma língua. Além disso, as pessoas analfabetas, as quais não foram a uma escola e não aprenderam a ler e a escrever, são outro exemplo; estes indivíduos, independentemente do nível de instrução, conseguem se comunicar e transmitir seus pensamentos utilizando-se da linguagem.

Partindo do conhecimento de que o preconceito linguístico é uma ação de intolerância por parte de pessoas que possuem status social, contra pessoas de classes sociais inferiores, as quais usam a língua diariamente, mas não da forma imposta pela norma padrão; objetivamos refletir como esse preconceito afeta a vida de alguns indivíduos que, ao escreverem sem estar de acordo com as regras da gramática normativa, são ridicularizadas nas redes sociais. Desse modo, abordaremos questões relacionadas à

linguística e à linguagem, sendo a língua um importante instrumento humano que permite a comunicação e expressão de ideias.

Para a realização deste artigo, levaremos em consideração análises crítico-reflexivas de “memes” publicados nas redes sociais (*Instagram, Facebook, Whatsapp, Printinterest e Twitter*) para ilustrar como o preconceito linguístico se faz presente nas páginas de redes sociais utilizadas pelos brasileiros. Para isso, pautamo-nos na pesquisa documental; houve a coleta de dados (memes em ambientes virtuais) e o levantamento bibliográfico. Adotamos a abordagem etnográfica, pois contém a análise crítico reflexiva dos documentos. A etnografia é uma metodologia de pesquisa que não só descreve os dados coletados, mas também os interpreta através do olhar crítico-reflexivo.

(...) fazer etnografia implica em: 1) preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura; 2) introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica e modificadora das estruturas sociais; 3) preocupar-se em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar, tanto pelo pesquisador quanto pelo pesquisado. (MATTOS, 2011, p. 49).

Mattos (2011) informa que a etnografia é uma abordagem de investigação científica que contribui amplamente com as pesquisas qualitativas, principalmente as que abordam as questões sociais, tais quais: a desigualdade social, os processos de exclusão sociocultural etc. Ela ainda aponta que a etnografia auxilia na análise da sociedade como “um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e as ações e interações humanas.” (MATTOS, 2011, p.50).

Desse modo, para a concretização deste trabalho, as seguintes etapas foram percorridas:

- Leituras de textos de autores que abordam sobre o preconceito linguístico e sobre a variação linguística;
- Seleção de memes nas páginas virtuais: Instagram, Facebook, Whatsapp, Printinterest e Twitter;
- Análise crítico reflexiva dos memes selecionados;
- Composições bibliográficas baseada nos textos citados na referência bibliográfica deste artigo.

## BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Lev S. Vygotsky (1993) afirma que o ser humano, diferentemente dos outros animais, constrói-se historicamente e através da interação social. Dessa forma, as funções

psicológicas na produção do raciocínio, além do aparato biológico, são estruturadas apoiando-se nas relações sociais e na linguagem, que é o que conecta o homem ao mundo. Para o autor, a linguagem está profundamente ligada ao pensamento, sendo ela um instrumento de interação social que auxilia no desenvolvimento do indivíduo enquanto sujeito social, cultural e histórico.

A língua e a linguagem, portanto, não pertencem a um grupo específico, mas a todo ser humano. Desta forma, a função primordial da língua é a comunicação. Bourdieu (2008) aborda a língua na perspectiva social. Ele critica os linguistas que, na tentativa de classificar a língua, ignoraram as falas sociais. Para ele, o que alguns linguistas conseguiram, foi definir as falas sociais em: as dos mais nobres e as dos mais vulgares.

Além disso, Bourdieu (2008) ainda fez uma crítica a Saussure, que dividiu a linguística em: “interna” e “externa”. Quando este filósofo decidiu focar na “linguística interna”, ele anulou dela as pesquisas que abordam a etnologia da língua, a história política dos falantes que dela se utilizam e a geografia do local onde ela é falada, por exemplo. Todo este estudo foi excluído, pois, para ele, não agregaria conhecimentos significantes da língua tomada em si mesma.

Dessa forma, a língua passou a ser considerada, como tantos outros fenômenos sociais, algo que divide os indivíduos em “superiores” e “inferiores”. Assim sendo, as pessoas que seguem a gramática prescritiva são consideradas as que falam melhor; por outro lado, os sujeitos que se desviam das normas impostas pela gramática normativa são vistos como os que falam errado.

Entretanto, há diferença na fala dos indivíduos, devido ao nível socioeconômico a que eles pertencem. Isso, pois as pessoas que são privilegiadas (nasceram com uma condição financeira maior) geralmente recebem uma instrução melhor, já que muitos pais ricos contratam psicopedagogos e professores particulares para auxiliarem seus filhos quando estes possuem dificuldades. Além disso, eles estudam em escolas que são bem valorizadas e com alto índice de aprovação em universidades federais. Logo, estes indivíduos, desde o berço, estão em contato com a norma padrão da linguagem.

Por outro lado, muitos dos indivíduos que nasceram em uma família com nível socioeconômico inferior, possuem familiares analfabetos ou com baixa instrução escolar (há, em alguns locais do Brasil, alunos que precisam caminhar por horas para conseguir chegar às escolas). Estes indivíduos geralmente estudam em escolas públicas, que não

recebem grandes investimentos do governo e se comunicam usando a variante linguística da comunidade que os cerca (que não é a língua padrão usada pelos ricos).

Bourdieu (2008) relata que a linguagem é usada como instrumento de eleição pessoal, ou seja, é um objeto utilizado que vai além do controle social ou da ação. Ele denomina esse uso linguístico de “filosofia intelectualista” (BOURDIEU, 2008, p.18). Estes indivíduos que lidam com a linguagem dessa forma, são os conceituados socialmente de “inteligentes”, vistos como os “que devem ser seguidos” ou os “que devem ser ouvidos”. Geralmente eles também ocupam um espaço de destaque na sociedade, não abrindo brechas a contestação social. Bourdieu afirma que:

a mudança de linguagem esconde *actio juris* pela qual Chomsky, ao converter as leis imanentes do discurso legítimo, em normas universais da prática linguística adequada, escamoteia a questão das condições econômicas e sociais de aquisição da competência legítima e da constituição do mercado onde se estabelece e se impõe esta definição do legítimo e do ilegítimo. (BOURDIEU, 2008, p. 30).

Dessa forma, conforme aponta Bagno (1999), o preconceito que ocorre na linguagem é denominado de preconceito linguístico e é uma prática bem comum na sociedade, sendo que as pessoas com nível socioeconômico menor são as vítimas deste tipo de preconceito. Elas, muitas vezes, não são ouvidas em seus ambientes de trabalho e, quando apresentam seus argumentos, são desvalorizadas por não seguirem a norma padrão da linguagem.

Várias pessoas não conseguem empregos devido ao “mal” uso da linguagem feito durante as entrevistas. Outras são completamente ignoradas em suas falas, por não usarem uma variante da língua prestigiada pela sociedade na qual ela está inserida. Alguns idosos, por exemplo, deixam de usar redes sociais ou de se expressarem, por medo de se tornarem motivo de piadas ou “memes” na internet.

William Labov (2008) abordou a fundo as questões relacionadas à variação linguística. Ele percebeu que diversos pontos influenciavam na variação da linguagem: a raça, a ocupação, a idade, a nacionalidade e o gênero. Ele aponta a não aceitação das alterações linguísticas como uma forma de preconceito; e esta forma de preconceito não é bem nítida. Nas falas dele: “o processo de segregação social emerge de causas e mecanismos que têm sido estudados em pormenor. Contudo, o processo oposto de integração social é menos óbvio, e no plano da estrutura linguística não é nada claro como ocorre.” (LABOV, 2008, p.103).

Bourdieu (2008) discorre sobre a “língua semi-artificial” (BOURDIEU, 2008, p. 43). Há, nas línguas oficiais, o código (que foi um termo emprestado do direito para a linguística) que governa a língua escrita, considerada como correta, em oposição à língua falada, tratada como errada. Para ele, esta linguagem não é natural, pois não é a usada na vida real dos indivíduos. Ele ainda informa que as escolas mantêm essa ideologia:

por essa razão, a língua legítima é uma língua semi-artificial cuja manutenção envolve um trabalho permanente de correção que se incube tanto os locutores singulares como as instituições especialmente organizadas com esta finalidade. Por intermédio de seus gramáticos, responsáveis pela fixação e codificação do uso legítimo, e de seus mestres que impõem e inculcam tal uso através de inúmeras ações corretivas, o sistema escolar tende (nesta e em outras matérias) a produzir a necessidade de seus próprios serviços, produtos, trabalhos e instrumentos de correção. A língua legítima deve sua *constância (relativa) no tempo* (e no espaço) ao fato de estar continuamente protegida por um trabalho prolongado de inculcação contra a tendência à *economia* de esforço e de tensão que leva, por exemplo, à simplificação analógica (*nós vai* em lugar de: *nós vamos*). Ademais, a expressão correta, ou melhor, corrigida, deve o essencial de suas propriedades sociais ao fato de que só pode ser produzida por locutores que detêm o domínio prático das *regras eruditas*, explicitamente constituídas por um trabalho de codificação e expressamente inculcadas por um trabalho pedagógico. (BORDIEU, 2008, p. 43).

A língua, portanto, possui suas diferenças de uso dependendo do grupo que dela utiliza. Porém, como será que essas diferenças são tratadas? Nas próximas seções, serão ilustrados os desvios gramaticais e como eles são (ou não são) aceitos socialmente.

## A RIDICULARIZAÇÃO DOS ERROS ORTOGRÁFICOS NA INTERNET

Já sabemos que a língua é uma importante ferramenta de comunicação, sendo que só é possível o ser humano compartilhar suas descobertas científicas, filosóficas e sociológicas, por exemplo, por causa de sua existência. Sem a linguagem não seria possível expressar pensamentos, desejos, realizações, descobertas, entre outros. Entretanto, quando algumas pessoas não utilizam as regras gramaticais para se expressarem, elas acabam sendo ignoradas, desmerecidas ou mesmo ridicularizadas.

Para ilustrar como o preconceito no campo da linguagem se faz presente na vida dos seres humanos, utilizaremos, para nossa análise, alguns “memes” (que podem imagens, vídeos ou *gifs* de humor que se espalham pela internet) que mostram como a falta do uso da “boa ortografia” por parte de alguns brasileiros são recebidos como anedotas. Estes erros, geralmente são compartilhados para que os usuários das redes sociais possam ver os erros linguísticos cometidos e se divertirem. Os memes a seguir foram compartilhados nas páginas de humor das redes sociais: *Facebook*, *Instagram*,

*Twitter, Pinterest e Whatsapp*. As fotos e nomes foram retirados para manter a privacidade das pessoas que escreveram os textos.

Vale ressaltar ainda que alguns memes não são reais; existem sites e páginas que criam memes falsos, mas com a aparência de algo real, com a finalidade de divertimento dos seguidores da página. Neste artigo, o intuito não será o de apontar quais memes são reais, e quais são criações, mas o de analisar linguisticamente as falas escritas que percorrem os memes na internet.

7

Imagem 1: Meme 1



Fonte: Imagem do Pinterest ||BTS|| #Memes #NamJin<sup>4</sup>

No “Meme 1”, o interlocutor informa ao amigo, pelo *whatsapp* que está “apaixonado”. O receptor, lhe aconselha a dizer o que sente. Ele lhe conta, então, que já falou com a pessoa informada na conversa e enviou a resposta dela: “Apaixonado é com X seu burro”.

Analisando a “Imagem 1”, a linguagem pode ser um fator importante na escolha de um parceiro(a) conjugal. Alguém que fala sem estar de acordo com as regras da gramática normativa pode ser rejeitada apenas por este atributo. Como a sociedade mostra preconceito com as pessoas que não seguem a norma da gramática vigente e os sujeitos buscam ser aceitos em grupos sociais; a forma de se expressar linguisticamente pode ser um ponto crucial para este alguém se tornar um consorte.

<sup>4</sup> Disponível em: [https://aminoapps.com/c/armyaminobr/page/blog/quando-voce-ta-apaixonado-mas-e-burro/M6pn\\_Vwikua47oQVrWeYpLYqJz7pIwY1G](https://aminoapps.com/c/armyaminobr/page/blog/quando-voce-ta-apaixonado-mas-e-burro/M6pn_Vwikua47oQVrWeYpLYqJz7pIwY1G) (Acesso em: 20/06/2021)

O psicólogo brasileiro Aroldo Rodrigues (2015) estuda as “manifestações comportamentais suscitadas pela interação de uma pessoa com outras pessoas, ou pela mera expectativa de tal interação” (RODRIGUES *apud* BOCK, 2001, p.177). Bock (2001) relata que os grupos sociais possuem funções sociais específicas. Portanto, ao interagir com um ou vários indivíduos, alguns comportamentos são modificados, dentre eles: a percepção social, a comunicação, as atitudes, a mudança de atitudes etc.

Para Bock (2001), os agrupamentos são grupos de pertencimento, e estes se subdividem em grupo familiar, de amigos, étnico, religioso, laborioso, dentre outros. O ser humano tem estes grupos como referência de como se comportar em sociedade, dos seus gostos, desgostos e de como o outro é percebido:

Os grupos sociais são pequenas organizações de indivíduos que, possuindo objetivos em comuns, desenvolvem ações na direção desses objetivos. Para garantir essa organização, possuem normas, formas de pressionar seus integrantes para que se conformem às normas; um funcionamento determinado, com tarefas e funções distribuídas entre seus membros; formas de cooperação e de competição; apresentam aspectos que atraem os indivíduos, impedindo que abandonem o grupo. (BOCK, 2001, p. 182).

A percepção social se dá pela impressão individual do outro. Para ilustrar, a forma de se vestir, de se portar diante da sociedade é captada pelos seres que o cercam. Outra questão que influencia nos grupos é a comunicação, não apenas a verbal, mas também a gesticulação, os movimentos, os sinais, as imagens e os fatores linguísticos. Todos estes itens interferem na percepção da mensagem – como ela é codificada (por um transmissor) e decodificada (por um receptor).

As atitudes se relacionam com os comportamentos desenvolvidos pelos sujeitos, através de suas crenças, valores e opiniões relacionadas ao ambiente e as pessoas que os cercam. As atitudes são mutáveis, ou seja, de acordo com as percepções individuais são desencadeadas atitudes positivas ou negativas. Estas, por sua vez, podem ser alteradas de acordo com as vivências pessoais. Bock (2001, p. 181) cita como exemplo, a mudança para um bairro onde as percepções são negativas. Ao conviver com as pessoas que desencadeiam uma impressão negativa, a pessoa automaticamente tenta achar pontos positivos para a convivência ser mais fácil e evitar conflitos.

Há ainda os papéis sociais e “assim sabemos o que esperar de alguém”. (BOCK, 2001, p.180). Os papéis são as posições ocupadas (de pais, de filhos, de amigos, de parentes, de alunos, de professores etc.). Através deles, os indivíduos sabem como se comportar e o que esperar dos outros. Os seres humanos vivem diversos papéis sociais ininterruptamente e isto os torna seres capazes de se adaptar a diferentes situações.

## O PORTUGUÊS DO DESESPERO

Imagem 2: Meme 2



Fonte: Imagem da página do *Instagram*.<sup>5</sup>

O “Meme 2” foi compartilhado em uma página do *Instagram* e foi repostado por outros seguidores da página. Este meme mostra como a linguagem afeta a sociedade. Nele, há a seguinte frase: “não é que eu seja nerd, mas é que o português de algumas pessoas chega a me dar desespero”. “Nerd” é um termo emprestado da língua inglesa que significa, segundo o dicionário online da língua portuguesa, “pessoa muito inteligente que prefere estar estudando ou se dedicando a alguma atividade intelectual de seu interesse”, ou ainda, “designação atribuída aos antissociais, às pessoas que se dedicam ao estudo ou ao trabalho de maneira exclusiva; cujo interesse pessoal está restrito aos assuntos científicos; antissocial”<sup>6</sup>.

Analisando a composição da fala “não é que eu seja nerd” seguido da quebra de expectativa “mas o português de algumas pessoas chega a me dar desespero”, poderíamos reescrever como “não é que eu seja uma pessoa muito inteligente, mas o português que algumas pessoas utilizam me trazem angústia”. Dessa forma, os indivíduos que compartilharam este meme, deduziram que algumas pessoas, ao lerem esta imagem, os

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/poemasensentido/?hl=pt> (Acesso em: 20/06/2021)

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.dicio.com.br/nerd/> (acesso em 20/06/2021)

considerariam pessoas bastante inteligentes. Logo, quem fala “errado” pode ser considerado menos inteligente, o que causaria o “desespero” do falante.

Este meme mostra como o desvio da linguagem é encarado como algo negativo, pois causa sensações ruins na pessoa que está lendo ou ouvindo “aquela língua mal falada”. Esta imagem comprova o que Bourdieu (2008) denominou de “filosofia intelectualista”. Dessa forma, o sujeito que usa “o bom português” é um nerd (bastante inteligente), enquanto que os indivíduos que utilizam “o mal português” causam desespero em seus interlocutores e são “burros”.

Como já sabemos, a língua se comporta como outros fenômenos sociais, dividindo os seres humanos em indivíduos “superiores” e “inferiores”. Dessarte, as pessoas que falam de acordo com a norma culta são tidas como modelos a serem seguidos, são os “nerds”, os “inteligentes”; enquanto as que desviam das prescrições gramaticais, falam “um português que causa desespero”, como apresentado no “Meme 2”.

Sob essa perspectiva, Vygotsky (1993) afirma que a língua tem como objetivo a comunicação. Dessa forma, se a mensagem está sendo emitida e compreendida, a língua está cumprindo o seu propósito. Falar “corretamente” ou falar “de forma errada” são criações humanas para a manutenção da vaidade e do ego. “Eu sou melhor porque falo um bom português” ou “fulano é inferior porque fala um mal português” são comportamentos linguísticos que reforçam a estratificação social, já tão presentes e cristalizados na sociedade.

Marcos Bagno (1999), baseando-se em Aristóteles, afirma que “só existe língua se houver seres humanos que a falem.” (apud BAGNO, 1999, p. 9). O sociolinguista informa que “tratar da língua é tratar de um tema político.” (BAGNO, 1999, p. 9). Dessa forma, ele relata que o preconceito linguístico só existe, porque em algum momento da história houve uma confusão entre a língua e a gramática normativa. Para muitos indivíduos, a língua é a gramática normativa, no entanto, ela é uma capacidade humana de produzir sons e gestos, desenvolver pensamentos e compreender a linguagem. Para ilustrar, Bagno (1999, p. 9) diz que o mapa mundial não é o mundo, mas um desenho deste. Da mesma forma, a gramática não é a língua, ela é apenas a descrição da linguagem. O autor ainda informa sobre a variação linguística no Brasil:

Ora, a verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país – que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito –, mas principalmente por causa

da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo. São essas graves diferenças de status social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro – o que a maioria de nossa população – e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral, mal definida, que é a língua ensinada na escola. (BAGNO, 1999, p.16).

Logo, o português brasileiro, da mesma forma que o país apresenta diversidade etnológica, é uma língua com grande variação linguística. Isso, pois, na formação linguística nacional, houve participação de diversos povos, de diferentes lugares, além dos que já viviam nesta terra. Apesar das tentativas desesperadoras de Portugal de impor um português neste país, a língua falada aqui é diferente; é a junção dos povos e culturas existentes no território (BAGNO, 1999, p. 18), o que deveria ampliar o respeito e a tolerância dos diferentes falares que se expandem no extenso território brasileiro.

## O PORTUGUÊS QUE CAUSA CÂNCER

Imagem 3: Meme 3



Fonte: Imagem do site “Memedroid”.<sup>7</sup>

O “Meme 3” foi compartilhado em um site e repostado em diversas redes sociais, como o *Facebook*. Nele, uma pessoa diz: “minha agenda tá lotada hj ,, ,, tenho ki fazer xapinha, comprar roupa, dansar funk, beijar na boka, kausar & ti humilhar,,,” (sic). Em seguida, alguém “printa” (gravar a tela digitalmente) esta fala e faz uma montagem usando a imagem do “Homem aranha” (super herói da Marvel) em um leito de cama com o dizer: “seu Português é tão bom que me deu câncer”.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://pt.memedroid.com/memes/detail/1397127> (Acesso em: 20/06/2021)

A fala da pessoa do meme não está de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, entretanto, a mensagem é compreensível (a língua está cumprindo o seu papel de transmissora de mensagens). Na fala do personagem, que compara os dizeres do outro locutor a um câncer (doença que provoca a multiplicação desordenada de células, podendo alastrar-se por tecidos adjacentes ou órgãos), que é a causa de morte milhares de indivíduos todos os anos, podemos perceber como o preconceito linguístico ainda é muito presente nas esferas sociais.

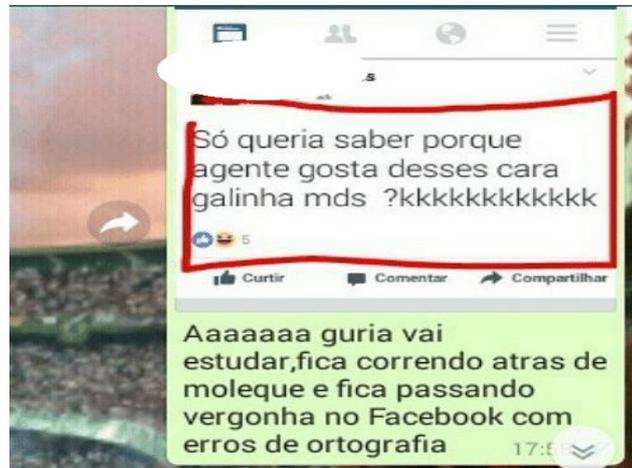
Este meme é bastante preconceituoso e mostra, por meio do sarcasmo, a não aceitação de algumas variantes linguísticas existentes no português. Parafraseando o meme: “seu português é tão ruim quanto uma doença temerosa e que mata”. Bagno nomeia estes indivíduos de “os sem-língua”:

Assim, da mesma forma como existem milhões de brasileiros sem-terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua. Afinal, se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, que é a norma literária, culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder – são os sem-língua. É claro que eles também falam português, uma variedade de português não-padrão, com sua gramática particular, que, no entanto, não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português-padrão ou mesmo daqueles que, não falando o português-padrão, o tomam como referência ideal – por isso podemos chamá-los de sem-língua. (BAGNO, 1999, p.16).

Assim, este meme ilustra a fala do linguista sobre “os sem-língua”, indivíduos que usam um “português que causa câncer”, uma língua falada por “burros” e que “causam desespero” em seus interlocutores altamente instruídos e “inteligentes”. Os desvios da norma culta são compartilhados na internet como piadas muito engraçadas.

## ERROS DE ORTOGRAFIA: MOTIVO DE VERGONHA NA INTERNET

Imagem 4: Meme 4



Eta '-' Marque os amigos!

Fonte: Imagem do site “Meme”.<sup>8</sup>

Neste último meme, uma mulher escreve “só queria saber porque agente gosta desses cara galinha mds? Kkkkkkkkkkkkkk” (sic). Uma segunda pessoa responde esta fala assim: “Aaaaaaa guria vai estudar, fica correndo atrás de moleque e fica passando vergonha no Facebook com erros de ortografia.” (sic).

Este meme ilustra a não aceitação das variações linguísticas do português que desviam da norma padrão. Escrever sem estar de acordo com a gramática prescritiva é “passar vergonha com erros de ortografia”. Ela pode ter escrito sem seguir as regras da norma culta, mas “diferença não é deficiência nem inferioridade.” (BAGNO, 1999, p.28).

O fato de no Brasil o português ser a língua da imensa maioria da população não implica, automaticamente, que esse português seja um bloco compacto, coeso e homogêneo. Na verdade, como costume dizer, o que habitualmente chamamos de português é um grande “balaio de gatos”, onde há gatos dos mais diversos tipos: machos, fêmeas, brancos, pretos, malhados, grandes, pequenos, adultos, idosos, recém-nascidos, gordos, magros, bem-nutridos, famintos etc. Cada um desses “gatos” é uma variedade do português brasileiro, com sua gramática específica, coerente, lógica e funcional. (BAGNO, 1999, p.18).

William Labov (1993) aborda a questão do “*status* socioeconômico” relacionado à linguagem. Há uma grande diferença da educação de crianças da classe média-alta em comparação aos das classes inferiores. As primeiras, entram na escola mais cedo e recebem uma educação mais completa, o dialeto usado por elas (e com elas) é a linguagem prestigiada, a linguagem culta e que deve ser seguida. Já a do segundo grupo (das pessoas da classe socioeconômica inferior), é a língua estigmatizada. “O homem fala, portanto,

<sup>8</sup> Disponível em: <https://me.me/i/bruna-santos-sc-queria-saber-porque-agente-gosta-desses-cara-11193398> (Acesso em: 20/06/2021)

primordialmente, não com o intuito de pensar, mas de transmitir seu pensamento. Suas necessidades sociais, seus instintos sociais, forçam-no à expressão.” (LABOV apud WHITNEY, 2008, pg.302).

Apesar de haver essa divisão linguística por parte de seus usuários, todos os seres humanos irão se comunicar, seja através de línguas, de sinais, de gestos ou de olhares. A exemplo disso, o astro físico Stephen Hawking mostra que a comunicação é um instinto humano. Ele teve uma doença degenerativa que o fez não poder falar por meio dos aparelhos fonadores (boca e língua), mas a doença não o impediu de utilizar sua capacidade comunicativa. Dessa forma, ele conversava com o olhar até que foi desenvolvido um aparelho que o permitia falar (mesmo que de forma computadorizada). Assim, ele continuou a contribuir com descobertas científicas e pôde se comunicar muito bem com toda a comunidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, é evidente que o preconceito linguístico é uma prática existente na sociedade, mas esta prática impõe silêncio aos indivíduos que não se comunicam de acordo com a norma urbana de prestígio, o que faz com que as pessoas se sintam envergonhadas por não “falarem certo”. Dessa forma, como o preconceito linguístico não é reconhecido judicialmente, a pessoa que sofre este preconceito não pode fazer nada, apenas se silenciar diante das ofensas, porque ela “não sabe falar”.

Marcos Bagno (1999) aponta que algumas pessoas estudadas, ao ouvirem um indivíduo dizer “chicrete”, colocam-no como “alguém com atraso mental”. Entretanto, este fenômeno linguístico (de trocar o “l” por “r”) foi feito por Luís Camões no consagrado poema Os Lusíadas. Camões utilizou-se das palavras: ingrês, pubricar, entre outras. O autor ainda informa que, na língua portuguesa, existem palavras que seguem regras parecidas com o uso definido por seus falantes como “indevido”, e que alguns cidadãos se utilizam destes diariamente, por exemplo a palavra escravo, frouxo, branco. Portanto, dizer “Cráudia” e “chicrete” é errado, mas dizer “escravo” é correto. Esses exemplos apenas ilustram que as pessoas pertencentes à classe socioeconômica inferior sofrem este preconceito não porque não “sabem falar”, mas sim por pertencerem à camada social desprestigiada.

Ora, do ponto de vista exclusivamente linguístico, o fenômeno que existe no português não-padrão é o mesmo que aconteceu na história do português-padrão, e tem até um nome técnico: rotacismo. O rotacismo participou da

formação da língua portuguesa padrão, como já vimos *em branco, escravo, praga, fraco* etc., mas ele continua e atuante no português não-padrão, como *em broco, chicrete, pranta, Cráudia*, porque essa variedade não-padrão deixa que as tendências normais e inerentes à língua manifestem livremente. Assim, o problema não está *naquilo* que se fala, mas em *quem* fala o *quê*. Neste caso, o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social. (BAGNO, 1999, p.40).

A língua, portanto, faz parte do jogo de poder citado por Bordieu (2008). Quem fala conforme prescrito pela gramática normativa e imposto por quem está numa “posição superior” é um indivíduo correto, louvável, um modelo a ser seguido. Porém, os indivíduos que se desviam dessa prescrição se situam em um “posicionamento inferior”.

Dessa forma, o sistema escolar pode auxiliar com o extermínio do preconceito linguístico se, ao invés de imporem a gramática prescritiva (conforme mencionado por Bordieu (2008)), estudarem a língua viva, falada no dia a dia das pessoas reais, e mostrarem o porquê de as variações linguísticas ocorrerem.

Conforme Vygotsky (1993), “a função primordial da linguagem é a comunicação, intercâmbio social”. (VYGOTSKY, 1993, p.12). Independente do nível de escolarização do indivíduo, ele irá se comunicar, traduzir o seu pensamento por meio das palavras. Por esta razão, o preconceito linguístico é apenas uma forma de separar os indivíduos em grupos sociais “privilegiados” e “desprivilegiados”. Se a mensagem está sendo compreendida, a língua está cumprindo o seu papel. As pessoas não deveriam, portanto, sentir-se inferiores por estarem “falando errado”, uma vez que não existe falar errado, como defendido por Bagno (1999), há, na verdade, o falar diferente.

Ademais, a expressão correta, ou melhor, corrigida, deve o essencial de suas propriedades sociais ao fato de que só pode ser produzida por locutores que detêm o domínio prático das regras eruditas, explicitamente constituídas por um trabalho de codificação e expressamente inculcadas por um trabalho pedagógico. (BORDIEU, 2008, p. 43).

Isso posto, a educação tem papel fundamental no extermínio do preconceito linguístico. Os professores de Língua Portuguesa devem mostrar aos alunos que a língua é viva e as pessoas a modificam e que, dessa forma, não existe um “falar certo” ou “falar errado”, apenas “falar diferente”. (BAGNO, 1999, p. 31).

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: O que é, Como se faz.** 49ª ed. Edições Loyola, 1999.

BOCK, Ana Mercês Bahia. Et al. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia.** São Paulo: Saraiva, 2001.

BORDIEU, Pierre. 1930-2002. **A Economia das Trocas Lingüísticas: O que Falar Quer Dizer** I Pierre Bourdieu ; prefácio Sergio Miceli. - 2. ed., 1ª reimpr. - São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2008. (Clássicos ; 4) ISBN : 978-85-314-0329-3.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. - São Paulo, Parábola Edutorial, 2008. 392p. ISBN: 978-85-88456-85-3.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães. CASTRO, Paula Almeida. (orgs.) Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books <<https://books.scielo.org>>

RODRIGUES, Aroldo. Et al. **Psicologia social**. Petrópolis, Vozes, 1972

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 6. ed. - São Paulo: Cortez, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

#### BIBLIOGRAFIA DE APOIO

MAXWELL, VRAC. **A gramática em questão: Conceitos, história e ensino**. PUC-Rio – Certificação Digital Nº 0115421/CA.

RIVERO, NEE. org. **Psicologia Social: estratégias, políticas e implicações** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelsten de Pesquisas Sociais, 2008. 119 p. ISBN: 978-85-9966-286-1. Available from SciELO Books <<https://books.scielo.org>>

ROCKSON, C. P. **Neuropsicologia e o paradigma do cérebro social**. Perspectivas em Psicología: Revista de Psicología y Ciencias Afines, vol. 11, núm. 1, mayo 2014, pp. 34-41. Universidade Nacional de Mar del Plata, Argentina.

*Recebido: 09 de novembro de 2021*

*Aceito: 28 de dezembro de 2021*